



AMY HATVANY

Uma história comovente
sobre uma filha em busca do pai

O Jardim
das Memórias

ROMANCE

«Amy Hatvany é a nova Jodi Picoult.»

Outubro de 2010

Eden

A chamada veio às três e meia da manhã, uma altura reservada à chegada de más notícias. Ninguém telefona a informar que ganhámos a lotaria a meio da noite. Nenhum namorado telefona com um pedido de casamento.

O tinir do telemóvel penetrou nos meus sonhos e arrancou-me ao sono. *É desta*, pensei. *Morreu*. Há seis meses, tinha dado o meu número à morgue do hospital Seattle General, juntamente com a cópia de uma fotografia do meu pai, tirada há mais de vinte anos. «Seja a que horas for», disse ao administrador do hospital. «Se ele aparecer, virei de imediato.»

Era a última fotografia que eu tinha do meu pai, com olhos azuis brilhantes e um sorriso rasgado. Era um homem alto, magro como um espeto mas rijo e forte. Tinha cabelo preto, ondulado, como o meu e usava-o com risco ao meio e até aos ombros, como Jesus. A sua expressão na foto não dava qualquer pista sobre a anarquia química que espalhava o caos pelo seu cérebro. Era invisível, este inimigo que atacava os seus humores. «Isto *não* é uma doença», dizia insistentemente. «Isto é quem eu *sou*.» Batia no peito com o punho, enfaticamente, para o caso de a minha mãe e eu não sabermos bem a quem se referiria. Os medicamentos mudavam-no, dizia. Geravam uma tão terrível inércia mental que todos os seus pensamentos se transformavam em tarefas difíceis, pesadas. O meu pai preferia os altos loucos e os baixos intoleráveis à vida de quem se estava nas tintas. A princípio, enquanto era

criança, eu não o culpava. Depois de ele ter desaparecido, culpá-lo era tudo o que eu fazia.

Vesti-me apressadamente na escuridão do meu quarto minúsculo. O *Jasper* levantou a cabeça, abanou a cauda duas vezes, depois voltou a pousar a cabeça na minha almofada e emitiu um suspiro gutural. Tinha dez anos — uma provecta idade para um cão. O seu pelo malhado estava salpicado de prata; dormia quase vinte horas por dia. Descobri-o por acaso, num beco, junto a um dos meus primeiros trabalhos na restauração, e atraí-o com pedaços de *pancetta*. Ele abanou o rechonchudo rabo de cachorrinho em resposta e eu fiquei irremediavelmente perdida. Levei-o para casa nessa noite.

Antes de sair de casa, dirigi-me à cozinha para pôr comida na tigela dele, depois regressei ao meu quarto e cocei-lhe a cabeça.

— Porta-te bem, *Jasper* — disse-lhe. — Não te esqueças de morder os ladrões.

Com a sua cauda, deu uma pancada seca no colchão, em resposta à minha voz, mas, de resto, não se mexeu. Não se aventuraria até à cozinha senão depois das seis, a hora a que normalmente acordávamos. Comentei com as minhas amigas que o *Jasper* era o melhor e mais previsível homem que eu conhecia. Com ele, tinha partilhado a minha mais longa e bem-sucedida relação.

Estávamos no início de Outubro e o frio no ar tinha uma pureza que quase se podia tocar. Fiquei sentada no meu carro durante alguns minutos, com as mãos enfiadas entre as coxas, à espera de que o motor aquecesse. Os meus pensamentos oscilavam entre a esperança de que o homem deitado na maca da morgue fosse o meu pai e o desejo de que não fosse. Tinha dez anos, da última vez que o vi, observando, entorpecida, a partir do alpendre, enquanto os paramédicos o levavam. Não era assim que eu queria que a história terminasse — o meu pai morto antes de eu ter uma oportunidade para sarar a mágoa entre nós. Mas, pelo menos, seria um fim. Pelo menos, poderia, enfim, deixá-lo partir.

Depois de fazer em marcha atrás a rampa de gravilha irregular ao lado da casa, percorri o meu calmo bairro de Green Lake e dirigi-me para sul. Através do nevoeiro da madrugada as luzes da cidade brilhavam numa fantasmagórica tonalidade âmbar, enquanto eu conduzia em direcção à cidade. A torre do Columbia Center erguia-se à distância, a cerca de dez quarteirões do meu destino. Eu tinha passado tempo suficiente nas ruas da baixa de Seattle para que a sua geografia estivesse gravada nos recessos da minha mente. Apanhando a saída de Union Street, o hospital ficava para leste, um conhecido albergue para os sem-abrigo catorze quarteirões para oeste, e um parque de tendas ilegal a outros três quarteirões. Pensei nas pedras da calçada de Pioneer Square e nos caminhos-de-ferro sob o viaduto onde vivia uma tão grande percentagem da população de sem-abrigo de Seattle. Perguntei-me onde o teriam encontrado. Perguntei-me se ele teria pensado em mim antes de morrer.

Esta última pergunta sucedia-se na minha mente, enquanto estacionava no parque coberto do hospital. Encontrei rapidamente o caminho até à cave e fui acompanhada até uma sala gelada, mal iluminada por lâmpadas fluorescentes azuladas. À minha esquerda estava uma parede que parecia um frigorífico de aço inoxidável com várias portas quadradas desde o chão até ao teto. O ar tinha um toque de algo negro e fúngico, por baixo de uma camada intensa de produtos de limpeza antissépticos. Calculei que esse fosse o cheiro da morte.

O técnico que me acompanhou até à sala era a antítese do que eu esperava que um funcionário da morgue fosse — cabelo louro e o bom aspeto de um surfista, em vez de um gótico pálido e melancólico. Colocou-se ao meu lado, com o seu cheiro a pastilha elástica de hortelã. Produziu um estalo abafado na boca antes de me perguntar:

— Sente-se preparada?

— Sim — disse. Estava mais do que preparada.

Uma rapariga de cabelo escuro, envergando um fato de bloco operatório azul-claro, estava em pé junto à parede frigorífica e abriu uma das portas, puxando um corpo tapado por um lençol branco. Recuou, com as mãos entrelaçadas atrás das costas numa posição de à-vontade. O técnico louro esticou o braço e puxou o lençol para trás, dobrando-o cuidadosamente sobre o peito do falecido. Mantive os olhos fixos na substancial elevação do estômago do homem. *Houve um engano*, pensei. *O meu pai não é gordo*. Podia ter aumentado de peso, claro, mas esse era outro dos efeitos secundários que o faziam abdicar dos medicamentos.

O técnico afastou-se da maca e virou a cabeça para olhar para mim.

— É ele?

Forcei-me a olhar para o rosto inchado e obeso do homem. A pele tinha uma palidez poeirenta, como se alguém tivesse espalhado pasta de algodão cinzenta sobre cada centímetro da sua pele. Tinha sobrancelhas pretas e ásperas e barba; o cabelo comprido estava molhado e escovado para longe do rosto, caindo num leque irregular sob a parte de trás do crânio. Os olhos estavam fechados.

— Não tenho a certeza — disse. — Pode ser. Talvez. Já não o vejo há vinte anos. — O meu coração agitava-se dentro do peito, enquanto eu falava. Não estava à espera de não saber. Pensei que o reconheceria de imediato. Teria a minha mente apagado assim tanto dele? — Posso ver-lhe os pulsos?

— Os pulsos? — perguntou o técnico. A rapariga não falou.

— Sim.

O técnico passou a mão por debaixo do lençol e puxou o braço mole, carnudo do homem, com o lado mais peludo para cima.

Engoli em seco.

— Pode virá-lo, por favor?

O técnico olhou-me de soslaio, mas fez o que eu lhe pedia. Olhei para a parte debaixo do pulso do homem, em suspenso e preparada para a imagem das espessas cicatrizes nodosas de um vermelho furioso. Pestanejei algumas vezes para ter a certeza de

que não estava apenas a ver o que queria ver. Mas a pele cinzenta estava lisa e imaculada. Se o homem fosse o meu pai, não estaria. Isso, eu sabia com toda a certeza.

O alívio colidiu, desordenadamente, com a decepção no fundo da minha garganta.

— Não — disse, soltando a respiração que parecia ter estado a suster desde que o meu telemóvel me acordara. — Não é ele. — Algumas lágrimas errantes deslizaram-me pelo rosto.

— Tem a certeza? Ele corresponde à descrição, com exceção do peso extra, mas calculámos que ele podia simplesmente ter engordado.

— Tenho a certeza — respondi. — Não é ele. Mas compreendo porque pensaram que fosse. — Limpei o rosto com as costas da mão. — Como é que ele morreu? — perguntei, apontando para o homem na maca. O homem que não era o meu pai. Repeti a frase, silenciosamente, dentro da minha cabeça para ter a certeza de que a registava, de facto. Não era ele. O meu pai não estava morto. Ainda tinha hipóteses de o encontrar.

— Paragem cardíaca — disse a rapariga de cabelo escuro. — Os paramédicos trouxeram-no de Pioneer Square. Já estava morto quando chegaram às urgências.

— Bem, espero que descubram quem é — disse. *É o filho de alguém. Talvez até o pai de outra pessoa.*

— Não é provável — disse o técnico. Estalou a pastilha elástica, depois assumiu uma expressão culpada. — Desculpe.

— Não faz mal.

A morte era normal para ele; estava acostumado a tratá-la com indiferença. Passava mais tempo com ela do que com a vida.

— Deixe-me acompanhá-la até lá fora — disse a rapariga.

— Oh, eu estou bem — respondi. — Consigo encontrar o caminho.

— Está na minha hora de fazer uma pausa para um cigarro, de qualquer maneira — disse ela, aproximando-se da porta que dava acesso ao corredor exterior e abrindo-a para mim. — Pode

ser um bocadinho complicado chegar ao mundo exterior, daqui de baixo, no meio de todas estas estranhas curvas. Acho que o fazem assim para que ninguém venha até aqui, por acidente, se não tiver mesmo que vir.

— Está bem. — Olhei mais uma vez para o homem que não era o meu pai. — Boa sorte — sussurrei-lhe e os dois técnicos olharam para mim com estranheza. Que olhassem. O pobre homem teve, obviamente, uma vida difícil; merecia alguns votos de boa sorte para onde quer que tivesse ido.

Avançando ao longo do corredor fracamente iluminado com a rapariga reparei que os nossos passos assumiam rapidamente o mesmo ritmo, as suas socas hospitalares guinchando no chão de linóleo. Não falámos.

— Posso perguntar-lhe uma coisa? — acabou por dizer, quando dobrámos uma esquina e chegámos à porta para o parque de estacionamento coberto do hospital.

— Claro — disse eu, segurando a porta aberta para que ela passasse.

Andámos mais uns passos, parando a cerca de seis metros da porta. Ela tirou um maço de cigarros do bolso do fato de bloco. Abanou o maço para retirar um cigarro do seu interior e segurou-o, fitando-o pensativamente antes de falar.

— Bem, estou curiosa. — A sua voz ecoou um pouco no parque de estacionamento quase vazio. — Porque é que está a tentar encontrar o seu pai, se ele saiu da sua vida há tanto tempo? Nunca conheci o meu e estou-me nas tintas para onde possa estar. Quer dizer, é fixe que o queira encontrar, mas já pensou que ele talvez prefira assim? Talvez ele não queira ser encontrado.

— Ele está doente — disse eu, encolhendo os ombros, enquanto percorria com o olhar o parque de estacionamento em busca do lugar onde deixara o carro. — Nem sequer sabe que está perdido.

Depois de ter conduzido até casa, desde o hospital, e de ter levado o *Jasper* para um passeio calmo, antes do amanhecer, em

Green Lake, telefonei à minha mãe. Era o nosso ritual das manhãs de sexta-feira e que Deus me livrasse de me esquecer ou de dormir para lá das oito horas. Todas as semanas, ela sentava-se à mesa da cozinha a beber chá verde e a matraquear com os dedos ao lado do telefone, esperando que este tocasse. Não me ligava; eu era a filha. Esperava-se que eu telefonasse para dizer se estava tudo bem.

O nosso telefonema semanal tinha irritado o Ryan, o meu namorado mais recente, de uma forma inacreditável. «Não podemos ter nem que seja uma manhã de sexta-feira em que não tenhas de telefonar à tua mãe?», implorara-me. «Tens trinta e um anos, pelo amor da santa!»

«Acabaste de dizer “pelo amor da santa”?», grajei, tentando desanuviar o ambiente entre nós, que se tinha tornado pesado nos últimos meses do nosso relacionamento, eriçado com as expetativas não cumpridas. «Tens o quê, cinquenta anos?»

«Estou a falar a sério, Eden. Estás demasiado presa às saias da tua mãe.»

Funguei. «Oh, devia ser como tu, portanto, e falar com a minha mãe apenas quando precisasse de fazer mais um levantamento da sua conta bancária?»

Se bem me lembro, essa foi uma das últimas discussões que tivemos. Seis meses mais tarde, a minha vida voltava ao normal com o *Jasper* no lugar que era seu por direito na cama, ao meu lado. Era a forma mais simples.

— Bom dia, querida — chilreou a minha mãe, quando atendeu o telefone.

— Olá, mãe — respondi.

Estava sentada no meu sofá de pele cor de chocolate, herdado na sequência do último projeto de redecoração geral da minha mãe e do meu padrasto. A minha mãe mudava a decoração quase tantas vezes quanto algumas pessoas mudam os lençóis da cama. Era uma infatigável caçadora de pechinchas e conseguia transformar por completo o aspeto de uma divisão sem gastar mais de

quinhentos dólares. Quando chegara a vez da sala de estar, deram-me o sofá, a mesinha de centro e um conjunto de três candeeiros em ferro forjado. A única coisa que eu própria comprara fora a televisão e só porque o ecrã plano que eles me tinham oferecido era demasiado grande para as paredes da minha casa minúscula.

— Como estás esta manhã? — perguntou. — Tiveste de trabalhar a noite passada?

— Sim. Um evento de uma empresa em Bellevue. Estou estourada.

Eu trabalhava como *chef* de cozinha numa grande empresa de *catering*, enquanto tentava reunir capital e ligações suficientes na indústria para abrir o meu próprio restaurante. Sonhava em ter um sítio pequeno, clássico, com uma longa lista de vinhos, não mais de dez mesas e um menu sazonal e eclético. Infelizmente, a menos que conseguisse arranjar um investidor ridiculamente rico, este sonho não se realizaria nos tempos mais próximos.

— A que horas chegaste? — perguntou a minha mãe.

— Ainda eram onze, mas recebi uma chamada do Seattle General por volta das três e meia, por isso tenho estado acordada desde essa altura.

— Oh, não — disse a minha mãe. — O que aconteceu?

Fiz uma pausa. Eu sabia que ela não ia gostar do que eu estava prestes a partilhar, mas também sabia que não me deixaria em paz até que lhe contasse. Inspirei fundo.

— Eles pensaram que era o pai que estava na morgue.

Como eu calculava que aconteceria, a minha mãe ficou em silêncio.

Eu prossegui.

— Só que não era ele. Parecia-se um pouco com ele. O cabelo escuro e a altura estavam certos, mas este tipo era bastante mais gordo e...

— E o quê? — perguntou ela, interrompendo-me. A sua voz era cortante. Não gostava de falar sobre ele. Teria preferido

fingir que ele nunca existira, contar a si mesma uma história sobre como eu tinha, simplesmente, aparecido no seu ventre.

— Ele não tinha as cicatrizes que o pai teria. Nos pulsos.

Ela suspirou.

— Não percebo porque é que estás a fazer isto a ti própria.

— Não sei como explicar-te. É apenas algo que preciso de fazer.

Ela não compreendia. A minha busca nada tinha a ver com ela — eu sabia que ela o tinha esquecido há muito. Aquela última vez, a vez em que os paramédicos tinham vindo, fora o fim. Uma semana mais tarde, ela apresentou-lhe os papéis do divórcio no hospital e ele assinou-os sem discutir. Mas para mim, não estava acabado. Eu queria o meu pai. Quando ele não veio ver-me, quando nem sequer tentou telefonar-me, comecei a vê-lo nos rostos de todos os homens com quem me cruzava. Cada uma das minhas exalações transformava-se num desejo de que a próxima esquina que eu dobrasse fosse aquela em que ele apareceria.

Bastou-me um ano para parar de o desejar. Aos onze anos disse a mim mesma que também já não queria saber. *Que se lixe*, pensei. *Ele não me quer. Eu também não o quero a ele*. Por essa altura, a minha mãe tinha casado com o John e eu disse a mim mesma que o meu novo padrasto poderia preencher o espaço vazio no meu coração. O John era um bom homem, um bombeiro com uma alma generosa. Mas não interessava quão bom ele era ou o quanto se esforçava. Não podia caber num espaço feito à medida para outro homem.

O meu pai tentou entrar em contacto comigo depois de eu ter terminado o liceu, mas passados oito anos sem qualquer contacto a minha mágoa tinha-se transformado em ódio e eu recusei-me a responder. Estava a tomar a medicação, diziam as duas cartas que recebi. Estava de volta a Seattle. Tinha conseguido um emprego fixo. *De volta a Seattle?*, perguntei-me. *Para onde terá ido? Ter-lhe-á acontecido alguma coisa que o tenha impedido de me visitar?* Disse a mim mesma que não queria saber. *Azar*, pensei. *Chegaste tarde e a más horas*. Deitei fora as cartas.

Houve, claro, momentos em que senti a falta do meu pai. O meu cabelo preto era tal como o dele, bem como a minha pele pálida, o meu rosto estreito e os meus vivos olhos azuis. Olhar para o espelho era uma recordação, frequente e dolorosa, do seu desaparecimento. Certa vez, com vinte e poucos anos, fui ao casamento de uma amiga, mas saí rapidamente, enquanto o pai dela a levava ao altar. Não consegui suportá-lo, sabendo que o meu pai jamais faria o mesmo por mim. À medida que o tempo ia passando, comecei a fantasiar com a ideia de tentar encontrá-lo. E então, no Outono passado, sentei-me ao lado da minha mãe, no hospital, segurando-lhe a mão e vendo o veneno a pingar para dentro das suas veias numa tentativa de aniquilar as células loucas que já lhe tinham roubado os seios. Apercebi-me de súbito de como tinha sido egoísta — quão pouco tempo qualquer um de nós tem com aqueles que ama. Comecei a pensar cada vez mais sobre o meu pai, a perguntar-me onde estaria e se estaria bem. As suas cartas referiam o tempo que passara a viver nas ruas. Temia que tivesse sido impelido de novo para uma existência sem-abrigo, não só pela doença mas também pela minha falta de resposta. Temia não o encontrar a tempo de lhe pedir perdão.

— Precisas de o encontrar, mesmo depois de tudo aquilo que ele te fez passar? — A voz da minha mãe puxou-me de novo para o tempo presente.

— Ele também passou por bastante, se pensarmos nisso — disse.

O *Jasper* gemia aos meus pés, onde dormia uma merecida sesta depois da nossa excursão a Green Lake. Esfreguei-lhe as costas com as pontas dos dedos dos pés e ele sossegou.

— Essa foi a *escolha* dele. Ou já te esqueceste?

— Não me esqueci de nada. — Suspirei. — Não quero discutir contigo sobre isto, está bem? Podemos mudar de assunto, por favor? Como está o Bryce? O concurso dele é neste fim-de-semana ou no próximo?

O meu meio-irmão de vinte anos, o Bryce, fora a razão por que a minha mãe casara com o John seis meses depois de o meu pai ter desaparecido das nossas vidas. Um bem-sucedido lutador de luta greco-romana no liceu, o Bryce optara por uma carreira como *personal trainer* e culturista em vez de ir para faculdade.

— É amanhã às duas. Consegues ir?

— Talvez, mas depende da hora a que tiver de ir trabalhar. Acho que temos um casamento, mas não me lembro ao certo. Vou verificar a agenda quando entrar hoje. — Fiz uma pausa. — Como está o John?

— Está ótimo. Está no quartel, na reta final de um turno de setenta e duas horas. Vem para casa esta noite.

— Estás a sentir-te bem? Não andas a exagerar?

— Sim, querida. Estou ótima. O Dr. Freeland diz que as minhas contagens parecem excelentes. A minha energia está em alta. Por isso podes parar de te armar em mãe-galinha.

— Eu paro, se tu parares — brinquei.

— Isso é impossível. Quando tiveres filhos compreenderás.

— Gostaria de ter um marido primeiro — disse, desejando em seguida poder retirar as palavras. Não estava pronta para uma das suas conversas encorajadoras sobre como encontrar um homem.

Ela suspirou.

— Bem, se calhar, se saíesses um pouco mais, talvez conhecesse alguém.

Refreei o meu próprio suspiro.

— Trabalho aos fins-de-semana, tenho trinta e dois anos e um QI decente. Não tenho qualquer interesse em discotecas. De qualquer forma, a maior parte dos homens que as frequenta só está interessada em dar umas voltas. Não está à procura de uma esposa.

— Então e a Internet? A minha amiga Patty encontrou o marido dela online. Ela disse que foi como comprar um aparador!

Ri-me.

— Não me parece, mãe. Sinto que acontecerá, se tiver de acontecer.

— Oh, está bem. Só quero o melhor para ti, querida. Tens tanto para dar.

Desligámos alguns minutos depois e eu deixei-me ficar sentada no sofá, a pensar sobre o meu passado romântico. Trabalhando na indústria da restauração, tinha namorado com bastantes homens durante um ou dois meses. Um deles até durara um ano. Apenas duas relações antes da minha mais recente relação com o Ryan se revelaram algo sério.

Primeiro fora o Wyatt, um colega estudante de culinária cujos olhos sensuais castanhos-escuros e sorriso malandro faziam com que o meu coração desse mortais dentro do meu peito. Ele tinha este efeito em muitas mulheres e eu considerava-me uma sortuda por tê-lo fígado. Ao fim de um ano de namoro, repleto de sexo excelente e do que eu pensara ser uma conversa profunda sobre partilharmos as nossas vidas e, um dia, abriremos um restaurante juntos, compreendi que eu não era o único prato na ementa do Wyatt. Ele tinha, afinal, apetites maiores. Uma ajudante de cozinha numa noite, a *hostess* e eu na seguinte. Trocou-me, sem cerimónias, por uma cozinheira do Denny's.

Dezasseis celibatários meses depois, o Stephen entrou na minha vida, um homem por quem jurei não me apaixonar depois da tortura que tinha passado com o Wyatt. Mas o Stephen era sensível, um consultor financeiro que abrisse a sua própria empresa aos vinte e cinco anos. Era uma escolha segura, uma escolha cuidadosa e aborrecia-me de morte. Aprendi que, por muito que eu o desejasse, um romance bem-sucedido não pode basear-se numa adoração mútua da organização e das folhas de Excel. Passados dezoito meses a tentar tornar-me alguém que ele pudesse, de facto, amar, ganhei juízo e acabei com ele.

Não muito depois deste rompimento em particular, li algures que até uma mulher resolver os problemas que tem na sua relação com o pai, não é capaz de ter uma ligação duradoura e íntima com um parceiro. Se houver alguma deficiência na sua relação primária com um elemento do sexo masculino, as probabilidades de êxito

em qualquer relacionamento amoroso que forme são bastante pequenas. Pensei no Wyatt, que tinha sido como o meu pai em tantos aspetos — irreverente, divertido e imprevisível. Perguntei-me se fora essa a razão por que me sentira atraída por ele. A ideia assustava-me. Comecei a pôr a hipótese de não serem os homens que eu escolhia os disfuncionais, mas eu.

Três horas depois, a seguir a uma pequena sesta e mais um rápido passeio com o *Jasper* à volta do quarteirão, conduzi até à baixa e entrei na enorme cozinha semelhante à de um hotel, onde passava a maior parte dos meus dias. A Emerald City Events era uma das maiores empresas de *catering* de Seattle, localizada num grande edifício de tijolo com vista para o porto. Oferecíamos serviços para qualquer evento, desde pequenos encontros de clubes de leitura aos maiores copos-de-água imagináveis. A empresa empregava cerca de vinte pessoas na cozinha, sem incluir os empregados de mesa, e ser a *chef* era bastante trabalhoso. Nessa noite, tínhamos de preparar três *cocktails*, um no local e duas entregas às cinco da tarde. Com a hora de ponta a revelar-se problemática, precisava que os condutores saíssem o mais tardar às três e meia, para jogar pelo seguro.

As três festas tinham encomendado *satay* de frango com molho de amendoim picante. Toda a gente adorava o prato, mas a sua confeção era muito difícil de cronometrar, em especial de forma a não secar antes do serviço. Para evitar essa desgraça em particular, garantia que o frango, já cortado, era colocado numa saborosa marinada de caril amarelo durante pelo menos oito horas antes de o cozinhar. Porém, se não o metêssemos depressa no grelhador, não arrefeceria o suficiente a tempo do transporte. Eu estava mergulhada até aos cotovelos na preparação do molho que acompanharia o frango — uma mistura de manteiga de amendoim, leite de coco, pasta de caril vermelho, caldo de peixe e gengibre doce —, a tentar encontrar o equilíbrio exato entre o doce e o picante. Não estava em posição de meter a carne no grelhador.

— Podes pôr essas espetadas a fazer, por favor, Juan? — gritei do meu posto, em frente ao fogão *Wolf* de dez bicos.

Dez dos outros elementos da minha equipa trabalhavam diligentemente nos seus postos, cortando, fatiando e mexendo, de acordo com as indicações que eu imprimira para eles numa folha de cálculo no início do turno. As suas tarefas tinham ao lado a hora exata a que deviam ser iniciadas e concluídas. Cozinhar era um jogo de tempos certos e eu adorava-o. A organização era fundamental.

— Certo, patroa! — gritou o meu subchefe Juan do outro lado da cozinha. — Vou tratar disso! O grelhador está quente como o caraças e mais do que pronto. — Girou sobre si, numa imitação barata de um dos passos de dança à Michael Jackson, e apontou os dois indicadores para mim como se fossem pistolas. — Precisas de mais alguma coisa?

Ri-me, abanando a cabeça, enquanto mexia a mistura na panela enorme à minha frente.

— Preciso que pares de dançar e montes todas as travessas de vegetais enquanto cozinhas o frango. O Wilson e a Maria já prepararam tudo, acho. Deve estar tudo na câmara.

— Certíssimo!

O Juan deu um salto à enorme câmara frigorífica de aço inoxidável e abriu a porta. Era o único empregado que não precisava de uma folha de cálculo. Trabalhava com ele há cinco anos, por esta altura, e sabia que podia confiar nele para fazer o trabalho como deve ser. Era um bocadinho maluco, mas era um maluco do tipo divertido, excêntrico, não do tipo assustador, *sou capaz de te perseguir*, por isso, enquanto nos esfalfávamos na cozinha, ele divertia-me sempre. Aos vinte e três anos ainda vivia em casa dos pais, com cinco irmãos e irmãs mais novos, algo que eu jamais teria imaginado para mim. No entanto, o pai do Juan ficara inválido depois de um acidente de trabalho e a mãe tinha de cuidar dele, por isso, para além de uma parca pensão mensal do estado, o Juan era a única fonte de rendimento da família. Assegurava-me

sempre de que ele levava para casa uma boa dose da comida que sobrava, depois dos turnos.

Passados alguns minutos o cheiro divinhal do caril chamuscado deslizava pelo ar, fazendo roncar o meu estômago vazio. Eu fora abençoada com um metabolismo ridiculamente rápido — uma prenda do meu pai, presumo, já que a minha mãe tinha de se esforçar para não engordar. Eu, por outro lado, não podia passar mais de duas horas sem ingerir qualquer coisa e, por muito que comesse, parecia nunca ganhar peso. A minha melhor amiga, a Georgia, lançava-me terríveis pragas por causa deste traço em particular, embora eu lhe invejasse as ancas naturalmente voluptuosas e a grande prateleira. Não era excessivamente magra, de forma alguma, e o meu peito não era totalmente invisível, mas a minha estrutura esguia não suscitava os assobios lupinos que a Georgia recebia só por descer a rua.

Acabei o molho e apaguei o bico por baixo da panela. A caminho da mesa no fundo da cozinha, que mantinha repleta de *snacks* para o pessoal, verifiquei os cogumelos recheados com salsicha em que Natalie, uma das minhas ajudantes de cozinha, estava a trabalhar. Estavam demasiado cheios e, quando fossem a cozinhar, transformar-se-iam numa confusão gordurosa e horrenda.

— Talvez seja melhor diminuíres a quantidade de recheio, Nat — aconselhei. — Usa a concha dos biscoitos pequenos em vez de uma colher. Assim consegues que tenham todos exatamente a mesma quantidade. Vais ter de os refazer.

Ouvi-a suspirar baixinho.

— Há algum problema? — perguntei.

Ela era nova; a minha intenção fora dar-lhe um conselho útil, mas sabia por experiência própria que o meu sentido de eficácia podia, por vezes, ser interpretado como brusco. Ou antipático. É só escolher.

— Não, *chef* — disse. — Eu refaço-os.

— Sê rápida, por favor. Não temos muito tempo.

Dei um pulo à mesa de *snacks* e preparei rapidamente uma sandes com bife grelhado e queijo suíço sobre um pequeno pão *ciabatta*. O Juan percorreu a linha, vindo do seu posto; o seu corpo alto e magro e os seus movimentos fluidos fizeram-me pensar, de súbito, no meu pai. Tinha conseguido tirá-lo da cabeça desde a conversa com a minha mãe nessa manhã, mas ali estava ele, de volta uma vez mais. A imagem do morto sobre a maca no hospital regressou à minha mente e o pedaço de sandes que tinha acabado de engolir colou-se-me à garganta.

— Está bem, patroa? — perguntou o Juan enquanto se colocava ao meu lado e estendia a mão para um pão de cebola com três queijos. Ele era o único empregado a quem permitia que me chamasse qualquer coisa que não «*Chef*».

Engoli em seco antes de falar.

— Sim, ótima. Estou apenas cansada, acho. Tive uma noite comprida.

— Mais trabalho de detetive privado?

Contara ao Juan, em traços gerais, que estava a tentar encontrar o meu pai. Como começara, simplesmente, por introduzir o nome «David West» num motor de busca online, procurando, em seguida, o seu nome em todas as páginas online das principais cidades. David West era um nome incrivelmente comum — mais de trezentos só na região da grande Seattle.

«O que é que vais dizer?», perguntara a Georgia quando a informei do meu plano de telefonar para todos os números de Seattle. «"Desculpe-me, mas por acaso não é o David West que abandonou a filha e passou grande parte da vida adulta no manicomio?"»

«Não», tinha dito, rindo. «Limitar-me-ei a pedir para falar com David West. Reconhecerei a sua voz.»

«Achas que sim?». A Georgia parecia ter as suas dúvidas.

«Sim.»

Fiz as chamadas. Nenhum deles era o meu pai, claro. Tinha uma morada antiga — o remetente de Seattle nas cartas que ele

me enviara dez anos antes — mas depressa descobri que o último registo oficial do seu paradeiro era o hospital psiquiátrico estatal, na saída para Monroe. Há três anos que não o viam e recusaram-se a dar-me qualquer outra informação para além de que tinha saído contra o conselho dos médicos. Assim, depois dos telefonemas, o local mais natural para o procurar era a rua, o único sítio onde eu tinha a certeza de que ele estivera.

A voz do Juan trouxe-me de volta para a cozinha.

— Cu-cu? Eden? — Abanou a mão à frente da minha cara.
— Estás aí?

Pestanejei e sorri-lhe.

— Sim, estou aqui. Desculpa.

— Então, mais trabalho de detetive? — perguntou, sondando.

— Mais ou menos, acho eu. — Não me apetecia descrever a viagem até à morgue. — Acho que vou a um novo abrigo esta noite. Aquele em Pine, sabes qual é?

O Juan pegou num pedaço de ananás e meteu-o na boca.

— Queres companhia? — Abanei a cabeça e dei mais uma dentada na sandes. — ‘Tá bem — disse ele. — Mas se queres a minha opinião, uma rapariga bonita como tu não devia vaguear pelas ruas à noite, sozinha.

— Agradeço a tua preocupação — disse, atirando o que restava da minha sandes para o lixo. Perdera o apetite. O Juan era bem-intencionado, eu sabia-o. No entanto tinha chegado até ali sem um homem que cuidasse de mim. Não havia razão para começar a precisar de um agora.

Janeiro de 1989

Eden

— **E**den West, *desce!* — gritou o meu pai do fundo das escadas. Estávamos a jogar ao *Preço Certo* e ele era Bob Barker. Era uma manhã de domingo fria e limpa e a minha mãe estava na cozinha a preparar o pequeno-almoço. O cheiro do *bacon* fumado deslizava através do corredor onde estávamos a brincar. O sol lançava para o chão um caleidoscópio de cores através do vitral biselado da porta da frente. Por vezes gostava de me deitar nesse sítio, fingir que o padrão de cores que me decorava a pele era uma tatuagem. Aos dez anos de idade, achava-me uma rebelde.

Corri escadas abaixo, em camisa de dormir e descalça, saltando os últimos três degraus para aterrar, com um baque decidido, ao lado do meu pai. As largas tábuas de madeira por baixo de mim gemeram em protesto e o candelabro de cristal por cima da mesa da sala tilintou.

— Eden! — gritou a minha mãe, na cozinha. — Esta casa *não* é o teu parque infantil pessoal. Sossega!

— Desculpa, mãe! — respondeu o meu pai, numa voz efeminada, brincalhona. — Não volta a acontecer!

Eu ri-me e o meu pai piscou-me olho. Os piscares de olho do meu pai eram a nossa linguagem silenciosa. *És tu e eu, miúda*, diziam eles. *Só nós é que compreendemos*.

— Ora diga-me, Menina Eden West, está entusiasmada por estar aqui? — Empunhava uma colher de pau, como se fosse um microfone, e moveu-a na direção do meu queixo.

— Muito entusiasmada, Bob. — Baixei a voz para o que eu pensava ser um tom muito adulto e feminino. Nesse momento, o amor que eu sentia pelo meu pai era um calor vibrante, cintilante. Arrancava-me aos meus medos, transportava-me para lá de qualquer dor que pudesse ter sentido. Fazia-me sentir que poderia fazer qualquer coisa, ser quem quisesse. Parecia magia.

— E qual é a porta que vai escolher? — Apontou para a porta da frente.

— Hum — disse eu, batendo com o indicador no canto da boca. — Acho que quero a porta número dois, Bob.

— Excelente escolha, Menina Eden West. Excelente escolha. — Deu um salto de meio metro em direção à porta e o candelabro voltou a tilintar.

— Eden! — gritou a minha mãe. — Para! Com! Isso!

— Desculpa, mãe! — gritei e pisquei o olho ao meu pai, que se riu.

— Assim é que é — disse ele. Pousou a mão na maçaneta e agitou as sobrelhas, pretas e espessas, num movimento sugestivo. — O que poderá ser? O... que... poderá... *ser*? — Abriu a porta de repente.

— Um carro novinho em folha! — gritei.

Esquecendo-me por completo da minha mãe, dei um pulo, gritando e batendo palmas, fingindo estar entusiasmada com um veículo invisível. O meu pai atirou a colher para o chão e agarrou-me. Abraçou-me com força, erguendo-me do chão e fazendo-me girar pela sala, com as minhas pernas esticadas atrás de mim. Ele apertava-me com tanta força que eu não conseguia respirar.

— Pai, estás a esborrachar-me! — arqueei. Senti as minhas costelas a estalar umas contra as outras sob a pressão do seu abraço.

— David, por favor! — disse a minha mãe, correndo para o corredor para ver qual o motivo de tamanha excitação. Vestia uma camisa de noite do mesmo azul céu dos seus olhos e o espesso cabelo louro caía-lhe numa trança pelo centro das costas. — Põe-na no chão! Ainda partem qualquer coisa!

— Nunca! — disse o meu pai. — Acabou de ganhar um carro novinho em folha, Lydia! Temos de festejar!

— Estamos em janeiro — disse a minha mãe. Contornou-nos para fechar a porta da rua, a trança agitando-se como uma corda. — A conta do aquecimento já é atroz.

— Então, viveremos no carro dela! — proclamou o meu pai. — Certo, Eden?

— Certo! — arquejei eu de novo e ele acabou por me pousar. A minha mãe lançou-me um dos seus olhares penetrantes e desaprovadores e eu baixei os olhos para o chão, esfregando delicadamente as costelas e respirando com dificuldade. O meu pai deslizou para junto da minha mãe e agarrou nela, fazendo-a girar e dando-lhe um forte beijo nos lábios.

— Sabes bem que me amas, Lydia West — disse ele, com o rosto a pouco mais de dois centímetros do dela.

Sustive a respiração, esperando para ver como responderia a minha mãe. Estava nas mãos dela, pensei. Ela detinha o poder de determinar a direção que ele tomaria, se ele iria ou não perder o controlo. Podia acalmá-lo, tocar-lhe no rosto, tranquilizá-lo e distraí-lo como já fizera inúmeras vezes. «Vamos a um museu», dizia. «Vamos procurar um parque que nunca vimos e podes desenhar árvores para mim.» Ela podia ajudar a canalizar a energia que eu via a redemoinhar no fundo dos olhos do meu pai. Ela podia conduzi-lo para um caminho no qual ninguém se magoasse.

Em vez disso, ela fitou-o, pousou as mãos no peito dele e empurrou-o. Ele cambaleou para trás, evitando a queda ao lançar uma mão para a parede atrás de si.

— Tens tomado a medicação? — perguntou ela, na sua voz monocórdica.

As minhas entranhas gelaram. Odiava quando ela lhe fazia essa pergunta. Em especial quando eu sabia que a resposta era não. Tinha-o visto despejar pela sanita todo o conteúdo da última receita, havia uma semana.

«É o nosso segredo, certo, Bichinho?», sussurrara-me, e eu acenara. Os segredos do meu pai eram um fardo, escuro e pesado, no meu peito. Por vezes temia que, por serem tantos, os segredos que eu carregava acabassem por vir à superfície, tornando-se visíveis como uma nódoa negra por baixo da pele. Então não restariam dúvidas: e eu seria exposta como a mentirosa que era.

— Sim, tenho tomado a medicação, *Dra. Lydia* — disse o meu pai. O seu sorriso transformou-se num esgar. — Queres que eu faça uma merda de uma análise ao sangue? Ou queres que me internem outra vez?

Não, implorei em silêncio. *Não. Por favor, não o mandes embora.* Um pânico nervoso cresceu dentro de mim. Da última vez ele tinha estado um mês no hospital. A nossa casa ganhara um silêncio de morte.

— Não praguejes à frente da tua filha — disse a minha mãe, baixinho. — O pequeno-almoço está pronto.

— Não tenho fome — respondeu o meu pai, ao mesmo tempo que tirava o casaco do cabide junto à porta. — Tenho de ir. Tenho sítios onde estar, pessoas para ver. Pessoas que *gostam* de mim.

— Papá... — comecei a dizer. Mas era demasiado tarde. Ele já se tinha ido embora.



Enquanto Eden não fizer as pazes com o passado,
jamais será capaz de abraçar o futuro...

Quando Eden tinha dez anos, encontrou o pai, David, caído no chão da casa de banho. A tentativa de suicídio conduziu ao divórcio dos pais e David desapareceu quase por completo da sua vida.

Vinte anos depois, Eden é uma *chef* bem-sucedida, mas após uma série de relacionamentos românticos falhados percebe que é tempo de procurar o pai, que se encontra a viver na rua, para poder perdoá-lo e seguir em frente.

A sua busca leva-a até um albergue para sem-abrigos e até Jack Baker, o diretor. Jack convence Eden a fazer trabalho de voluntariado no albergue e, em troca, ajuda-a na sua busca.

À medida que Eden e Jack se apaixonam e a sua procura os aproxima de David, Eden vê-se obrigada a enfrentar as suas verdadeiras emoções e a dolorosa pergunta acerca do pai: será que depois de todos aqueles anos ele quer mesmo ser encontrado?

«Amy Hatvany escreve com profundidade e compaixão.»
Luanne Rice, autora bestseller internacional



Espreite o
vídeo deste
livro no
ecrã de um
telemóvel.



TOPSELLER
livros que se devoram

20/20 editora

Ficção romântica

ISBN 978 - 989 - 8626 - 37 - 0



9 789898 626370 >

www.topseller.pt